

Poesia em tachos de cobre: memória e identidade em textos selecionados de Cora Coralina

Poetry in copper pots: memory and identity in selected
works by Cora Coralina

Ana Paula Almeida Bezerra Barros

Doutoranda em Estudos Literários na linha de pesquisa “Poéticas Modernas e Contemporâneas” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: anaabarros69@gmail.com. Orcid: 0000-0003-1769-9543.

Alana de Oliveira Freitas El Fahl

Professora Doutora em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura (UFBA, 2009) vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: alana_freitas@yahoo.com.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2383-7546.

Tércia Costa Valverde

Professora Doutora em Teoria da Literatura (UFPE, 2012) vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: tcvalverde@uefs.br. Orcid: 0000-0003-3494-7043.

Resumo

Neste artigo, buscamos demonstrar a presença da memória e da identidade como temas recorrentes na obra da poeta Cora Coralina. Por meio da memória, a escritora recorda fatos de sua infância e juventude, que servem de mote para sua escrita e reflexão sobre o mundo em que vive. A identidade está presente em sua literatura pela profunda ligação da autora com sua cidade natal, sua gente e seus ofícios de doceira e poeta. A metodologia utilizada é a biobibliográfica; embasam este artigo textos de autoria da própria Cora Coralina, bem como estudos teóricos e críticos de Hall (2006), Denófrio (2017), Oliveira (2006), Khalil e Fernandes (2009), dentre outros.

Palavras-chave: Cora Coralina. Memória. Identidade.

Abstract

In this article, we seek to demonstrate the presence of memory and identity as recurring themes in the work of the poet Cora Coralina. Through memory, the writer recalls events from her childhood and youth, which serve as inspiration for her writing and reflection on the world in which she lives. Identity is present in her literature through the writer's profound connection with her hometown, its people, and her professions as a confectioner and poet. The methodology used is biobibliographical, and this article is based on texts authored by Cora Coralina herself and theoretical and critical studies by Hall (2006), Denófrio (2017), Oliveira (2006), Khalil and Fernandes (2009), among others.

Keywords: Cora Coralina. Memory. Identity.

Artigo recebido em 07.05.2025 e aceito em 15.01.2026.

1. Introdução

Compreender a si na própria subjetividade e, ao mesmo tempo, constituir-se como parte de um todo é tarefa comprida, às vezes de uma vida inteira. O longo processo formativo individual demanda também *relembrar*, de modo que *identidade* e *memória* tornam-se parceiras inseparáveis na constituição do eu, podendo, em alguns casos, instigar o fazer literário, mormente o poético.

Memória e *identidade* são temáticas recorrentes na obra da escritora goiana Cora Coralina. A *memória*, porque a poeta relata, em vários textos, fatos de sua infância e mocidade (a exemplo do prato de louça chinesa de sua bisavó, cuja ilustração a enlevava; do castigo dos cacos quebrados no pescoço, imposto a crianças desastradas; dos muitos becos de sua cidade natal, etc.), em um exercício mnemônico que Chartier chama de “anamnese”, ou “lembrança deliberada”, por tratar-se de um *esforço* de memória, ou, para usar “o vocabulário de Bergson”, uma “lembrança laboriosa”.¹ E a *identidade*, porque Cora Coralina se declara profunda e inescapavelmente ligada a seu torrão natal, que a constitui e a molda como as pedras de um muro.

Para Márcia Batista de Oliveira,

O reavivamento do passado por meio da memória resulta de reflexões embasadas em experiências individuais e coletivas, portanto ricas também de um saber popular; e esse saber expressa uma cultura, por isso, quando um sujeito rememora está realizando uma avaliação da própria vivência, conjuntamente com a dos espaços sociais de onde pode extrair a gênese da própria identidade².

Relembrar o passado, portanto, é muito mais do que rememorar fatos vividos: é um exercício de construção de si mesmo, na medida em que resulta numa reflexão sobre quem éramos antes e quem nos tornamos com o passar do tempo, tanto na perspectiva individual quanto na coletiva. Para Jacques Le Goff, “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]”³, fazendo parte do esforço coletivo de lembrar, ou da “memória coletiva”, cemitérios, monumentos, bibliotecas, museus, fotografias, moedas, selos, datas comemorativas (como o *Memorial Day* norte-americano), suvenires e, mais recentemente, computadores.⁴ No que toca à memória pessoal, ainda conforme o historiador francês, “os psicanalistas e os

¹ Roger Chartier, *A mão do autor e a mente do editor*, 2016, p. 215.

² Márcia Batista de Oliveira, *Cora Coralina: cartografias da memória*, 2006, p. 10.

³ Jacques Le Goff, *História e memória*, 1990, p. 477.

⁴ *Ibidem*, p. 457 e s.

psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento [...], nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual”⁵, de modo que, conscientemente ou não, a memória de quem conta um fato *revela* ou *omite*, conforme a maneira como se deseja contá-lo.

Especificamente quanto a Cora Coralina, Oliveira afirma que ela “produz seus textos ancorados nas próprias reminiscências”, fazendo destas “pano de fundo para discussões das relações humanas de um momento histórico em particular, estendido à condição humana de um modo geral”⁶. As memórias são, portanto, na obra da poeta goiana, o mote tanto para a própria escrita quanto para a reflexão sobre o mundo que a cerca e as experiências que vivencia. Por essa razão, conhecer alguns aspectos da história pessoal da escritora favorece a compreensão de seu repertório e de sua literatura.

São importantes nortes na criação literária de Cora Coralina a afetividade – expressa, por exemplo, na reminiscência dos becos de sua cidade natal e em personagens como a bisavó, a Mestra Silvina, Maria Grampinho, as lavadeiras do Rio Vermelho –, assim como as experiências dolorosas da infância e juventude, que a levam a refletir sobre a violência contra as crianças (como em “Minha Infância” e “Menor Abandonado”), o preconceito contra as prostitutas (como em “Mulher da Vida”) e outros temas de cunho social.

No que toca à identidade, consiste, nos dias de hoje, em uma temática que inquieta muitos intelectuais, por entenderem que se trata de um conceito em crise. Um deles é Stuart Hall, que a respeito do assunto afirma o seguinte:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social⁷.

Sob nossa ótica, não observamos, em Cora Coralina, essa “crise de identidade” acima referida. Nada obstante fosse uma mulher à frente de seu tempo e tenha, de alguma maneira, subvertido certas regras sociais, não nos parece que tenha tido maiores problemas identitários quanto à sua “classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”, para usar os critérios

⁵ *Ibidem*, p. 426.

⁶ Márcia Batista de Oliveira, *Cora Coralina: cartografias da memória*, 2006, p. 10.

⁷ Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade*, 2006, p. 7.

relacionados por Hall⁸. Ao contrário, parece-nos – ao menos a Coralina idosa – confortável em sua condição de mulher, goiana, doceira e poeta. A Coralina jovem, no entanto, ousou afrontar a sociedade goiana, fugindo com o futuro esposo e, já casada, ocupando postos de trabalho numa época em que às mulheres cabiam apenas os afazeres domésticos. Conforme Sofia Regina Paiva Ribeiro,

Em 25 de novembro de 1911, [Coralina] sai de casa na calada da noite com o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, 20 anos mais velho, casado e separado. Grávida de seu primeiro filho, foi morar em Jaboticabal, depois em Avaré, Andradina e em São Paulo, capital. A união foi oficializada após a morte da primeira mulher de Cantídio, 15 anos depois.

Com uma personalidade marcante, consagrou-se como mulher-monumento, pelo fato de ter vivido num período de grandes transformações socioculturais, sobretudo a busca da mulher pelo seu reconhecimento e espaço na sociedade da época. Costumava relatar que o casamento a libertou, mas trazia outras formas de limitação⁹.

Embora não saibamos, com exatidão, que “outras formas de limitação” seriam essas, não é difícil deduzir que Coralina tenha encontrado resistência familiar – marital, especialmente – para trabalhar fora, circular em sociedade e até dirigir um asilo para idosos.¹⁰

Tendo nascido em 1889, época em que o papel social das mulheres era claramente demarcado, imaginamos que Coralina, assim como suas contemporâneas do interior profundo do Brasil, tenha sido criada para casar, ter filhos e dominar o serviço doméstico, destino que havia sido também o de suas antepassadas. Sendo assim, era praticamente desnecessário para a mulher elaborar a própria identidade, pois seu papel era estanque e quase invariável havia muitas gerações. Neste sentido, Anthony Giddens afirma que

Transições nas vidas dos indivíduos sempre demandaram a reorganização psíquica, algo que era frequentemente ritualizado nas culturas tradicionais na forma de *ritos de passagem*. Mas em tais culturas, nas quais as coisas permaneciam mais ou menos as mesmas no nível da coletividade, geração após geração a mudança de identidade era claramente indicada – como quando um indivíduo saía da adolescência para a vida adulta¹¹.

Se bem compreendemos, o que Giddens sustenta é que, nas culturas onde “as coisas permaneciam mais ou menos as mesmas no nível da coletividade”, o sujeito sequer precisava se ocupar em refletir sobre a própria identidade, pois seu destino era previamente traçado por determinados acontecimentos, a exemplo da

⁸ *Ibidem*, p. 9.

⁹ Sofia Regina Paiva Ribeiro, “Cora Coralina, mulher-mãe-doceira-poeta, e a relação de gênero e espaço na construção de sentidos e de identidade”, 2018, p. 34.

¹⁰ Maria José Somerlate Barbosa, “A via-láctea da palavra: Adélia Prado e Cora Coralina”, 2002, p. 100.

¹¹ Anthony Giddens, *Modernidade e Identidade*, 2002, p. 37. Atualizamos a ortografia.

menarca das meninas, que sinalizava sua aptidão para o casamento, ou do *Bar Mitzvah* de meninos judeus, indicando sua passagem para a vida adulta.

Essa regularidade coletiva de conduta também molda a identidade, pois as pessoas, até mesmo para serem aceitas nos grupos em que vivem, seguem o padrão estabelecido, não raro sequer se dando conta de que a realidade poderia ser outra. Conforme Michael Pollak, “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”¹² – se ninguém questiona uma determinada realidade, ela é aceita como modelo. O mesmo autor afirma que

[...] quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual¹³.

Logo, mesmo tendo subvertido, em alguma medida, as regras de seu tempo, Coralina acatou os valores socioculturais da época em que foi criada, cumprindo aquilo que se convencionou ser o papel feminino: casar-se, ser mãe e dedicar-se à família. Ainda que tivesse pendor para a escrita, foi prioritariamente esposa e mãe, somente se dedicando com afinco a sua arte depois de já viúva e com os filhos criados.

Para Khalil e Fernandes, “a poética de Cora Coralina se apresenta como uma fonte [...] bastante ampla para a discussão da identidade”¹⁴. Acrescem que vários poemas da autora, “confessadamente autobiográficos, têm como temática principal a relação entre as construções subjetivas e a Cidade de Goiás, antiga Villa Boa de Goyaz, capital do estado de Goiás até meados do século XX”¹⁵, evidenciando “a relação identitária entre sujeito e cidade na obra da poetisa goiana”¹⁶. O pertencimento a esse espaço físico é decisivo tanto na formação da mulher quanto na formação da escritora Cora Coralina.

No conhecido ensaio *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*, publicado em 1873, Machado de Assis aponta a tendência do uso de “cor local” na literatura nacional, com vistas a reproduzir “a vida brasileira em

¹² Michael Pollak, “Memória e identidade social”, 1992, p. 204.

¹³ Michael Pollak, “Memória e identidade social”, 1992, p. 207.

¹⁴ Lucas Martins Gama Khalil e Cleudemar Alves Fernandes, “A construção identitária em Cora Coralina: relações entre o sujeito e ‘as coisas de sua terra’”, 2011, p. 7.

¹⁵ *Idem, ibidem*.

¹⁶ *Idem, ibidem*.

seus diferentes aspectos e situações”¹⁷. O autor critica essa tendência, afirmando não ser preciso “vestir-se com as cores do país” para produzir uma literatura genuinamente brasileira. A íntima conexão de Coralina com sua cidade natal não nos parece pretender reforçar uma identidade nacional, ou conferir “cor local” a sua literatura, para usar o critério sugerido por Machado de Assis. Busca, no nosso sentir, preservar memórias e tradições e fortalecer o senso de pertencimento da escritora à cultura do lugar em que nasceu e cresceu e com o qual tão profundamente se identifica – “lugar”, aqui, tomado “[...] como identitário, relacional e histórico, o que enraíza e identifica, fortalecendo os sentimentos de pertencimento a algo que lhe é exterior e anterior, a cultura, as tradições”¹⁸.

Por outro lado, e levando em conta a “descentração do sujeito”¹⁹ decorrente de seu convívio com os pares, Cora Coralina declara-se constituída por vários “eus”, transparecendo a afirmação de Hall de que:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente²⁰, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava²¹.

Sendo assim, formamo-nos enquanto convivemos, e é no intercâmbio com “o outro” que criamos nossa tábua de valores. Como asseverou Ely Barreira, “A obra poética autobiográfica de Cora Coralina [...] é perpassada significativamente por um ‘eu’ em relação com diferentes ‘outros’”²², e a poeta dialoga com “os vários ‘eus’ femininos que compõem sua identidade”²³, a exemplo das muitas mulheres elencadas no poema *Todas as Vidas* (adiante reproduzido), que, segundo a poeta, vivem dentro dela.

Num texto em que compara as obras de Adélia Prado e Cora Coralina, Maria José Somerlate Barbosa afirma que ambas “usam o aspecto memorialista das suas ‘crônicas estoriadas’ como estratégia narrativa e como máscara autobiográfica”, assim dando “opiniões sobre assuntos e contextos que provavelmente seriam censurados se [...] estivessem escrevendo a sua própria

¹⁷ Machado de Assis, “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, 1873, s.p.

¹⁸ Renato Cordeiro Gomes, “Retratos urbanos e identidade nacional brasileira: mediações literárias”, 2004, p. 131.

¹⁹ “Descentração do sujeito” é uma expressão utilizada por Stuart Hall no capítulo 1, p. 9, da obra *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (Rio de Janeiro: DP&A, 2006).

²⁰ Atualizamos a grafia da palavra.

²¹ Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade*, 2006, p. 11.

²² Ely da Paixão Casemiro Barreira, “A escrita do eu em Cora Coralina”, 2018, p. 90.

²³ *Ibidem*, p. 99.



biografia”²⁴. Fazem o que a autora, respaldada na americana Judy Long (em *Telling Women’s Lives*), chama de “contar enviesado”²⁵, isto é, “uma forma oblíqua de contar que vai camuflando biografia e memórias em ficção”²⁶. Em Cora Coralina, portanto, sustenta Barbosa, há biografia e memória, mas seus escritos podem, eventualmente, revestir-se de ficção, caso a temática abordada demande alguma “máscara autobiográfica” que lhe oculte a identidade²⁷. O eu-lírico, portanto, pode fazer as vezes de “escudo”, ou de “máscara”, protegendo a autora e permitindo-lhe expressar-se com maior liberdade.

Como antes afirmamos, Cora Coralina rompeu paradigmas: viveu com um homem sem casar-se; trabalhou para ajudar nas despesas domésticas; viúva, proveu o próprio sustento; criticou preconceitos; reconheceu valor às “mulheres da vida”; publicou livros. Em outras palavras, insurgiu-se, quando pôde fazê-lo, contra a subserviência imposta às mulheres de seu tempo.

Mais do que tudo, a escritora parece ter tido uma relação simbiótica com sua cidade natal, conforme expressam Khalil e Fernandes:

Cora Coralina tem como uma de suas peculiaridades a intensa atividade de representação de locais que constituem a Cidade de Goiás, antiga capital de Goiás. Nessa interação, o sujeito é interpelado discursivamente pela cidade, espaço de constante construção de sentidos e de identidades²⁸.

Em muitos de seus poemas, alguns dos quais veremos a seguir, Cora Coralina se mimetiza nos becos, nas ruas, nos tipos humanos de sua cidade, incorporando, em seu ser, a geografia física e humana da cidade de Goiás.

2. Uma breve biografia

Muito embora o foco deste artigo seja a obra de Cora Coralina, entendemos que um breve apanhado de sua biografia permitirá ao leitor uma melhor

²⁴ Maria José Somerlate Barbosa, “A via-láctea da palavra: Adélia Prado e Cora Coralina”, 2002, p. 104.

²⁵ Maria José Somerlate Barbosa, “A via-láctea da palavra: Adélia Prado e Cora Coralina”, 2002, p. 107.

²⁶ *Ibidem*, p. 106.

²⁷ É o que ocorre, por exemplo, no poema *Oração do Milho*, em que, embora “o elemento erótico não seja uma constante” nos textos de Coralina, “a voz poética exterioriza a beleza, a sacralidade e a sensualidade do rito da fecundação” (Barbosa, 2002, p. 106). Observe-se que a autora se refere à “voz poética”, uma espécie de manto a ocultar a pessoa por trás do eu-lírico.

²⁸ Lucas Martins Gama Khalil e Cleudemar Alves Fernandes, “A construção identitária em Cora Coralina: relações entre o sujeito e ‘as coisas de sua terra’”, 2011, p. 2.

compreensão da trajetória de vida da artista, que teve reflexos nítidos em seus escritos.

Cora Coralina nasceu Ana Lins dos Guimarães Peixoto, no ano de 1889, em Villa Boa de Goyaz. Segundo ela própria, era uma menina feia, “amarela”, “de pernas moles, caindo à toa”²⁹. Adotou o pseudônimo *Cora Coralina* aos 14 anos, para não ter sua “glória literária” apropriada por alguma outra Ana, já que a cidade de Goiás, tendo como padroeira Sant’Ana, tinha muitas meninas com esse nome. *Cora* vem de *coração*, órgão poeticamente incumbido das emoções. *Coralina* é de *cor vermelha*, lembrando *coral* ou, talvez, o Rio Vermelho de sua cidade natal. Cora Coralina, portanto, quer dizer “coração vermelho”.

Coralina teve poucos anos de educação formal – segundo Oliveira, “frequentou apenas por dois anos a escola da Mestra Silvina”³⁰, eternizada no poema *A Escola de Mestra Silvina*³¹. Entretanto, há dois pormenores a considerar: o primeiro é sua prodigiosa memória, que lhe permitiu lembrar com detalhes e, aparentemente, sem consulta a fontes bibliográficas, fatos muito remotos de sua infância – como ser ralhada e chamada de nomes feios, conforme consta em *Minha Infância* – e da própria história goiana – como o castigo de usar colar de cacos, referido tanto no poema *O Prato Azul-Pombinho* quanto na *Nota* sobre “como acabou, em Goiás, o castigo dos cacos quebrados no pescoço”³². O segundo é que a cidade de Goiás, tendo sido capital do estado até meados do século XX, tinha, conforme depoimento do escritor Luiz Fernando Valladares, uma vida cultural intensa, com cinema, teatro, orquestras, bandas de música e festejos populares, o que certamente enriqueceu a formação da menina Aninha, desde pequena atenta observadora de seu entorno.³³

Ainda não era o tempo da “modernidade líquida” anunciada por Bauman, cujas principais características são o desapego, a provisoriedade e a excessiva individualização: a sociedade de então tinha papéis estáticos e bem definidos, não se tratando, como a de hoje, de uma “sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais”³⁴. A identidade, em suas variadas facetas, era também formada coletivamente por meio do convívio social.

²⁹ Cora Coralina, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 2014, p. 168.

³⁰ Márcia Batista de Oliveira, *Cora Coralina: cartografias da memória*, 2006, p. 78.

³¹ *Cora Coralina, Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 2014, p. 61-65.

³² Os três textos referidos no parágrafo são de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2014).

³³ *Apud* Amauri Mauro, *Conhecendo Museus*, Episódio 02: Museu Casa de Cora Coralina, 2014.

³⁴ Zygmunt Bauman, *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, 2005, p. 12.

Em 1911, Cora Coralina deixou Goiás com o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, com quem se relacionava, rumo ao estado de São Paulo. Cantídio era, então, casado, mas não vivia maritalmente com a esposa. Oficializaram a união em 1945, passando Coralina a chamar-se Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas. Tiveram seis filhos: Paraguaçu, Eneas, Cantídio, Jacyntha, Ísis e Vicência. Acerca dessa passagem da vida da poeta, Barbosa assevera que “[...] Coralina vivencia discriminações familiares, sofre desamparos e perdas, conhece o amor, rebela-se contra a moralidade da sua família e escandaliza a sua cidade ao fugir para São Paulo com um homem casado”³⁵.

A partida de Cora Coralina deve, com efeito, ter sido um escândalo à época e talvez justifique o fato de ela ter ficado por 45 anos longe de sua terra natal – que, entretanto, nunca se afastou dela³⁶. Já viúva, retornou sozinha, em 1956, a Goiás. No poema *O chamado das pedras*, afirma ter ouvido o apelo das pedras, dos morros, dos sinos das igrejas e das rolinhas “fogo-pagou” para que voltasse a sua cidade natal: “Vestida de cabelos brancos/ Voltei sozinha à velha casa deserta”³⁷. Ribeiro aponta outra razão bastante objetiva para o retorno: Coralina teria regressado a sua terra natal “motivada a evitar que um sobrinho se apoderasse da propriedade da família, por usucapião”.³⁸

A poeta voltou a morar na velha casa da ponte de sua infância e passou a fazer doces para sobreviver. Ela conta essa história em *A menina, o cofrinho e a vovó*: “Um dia, a velha [ela própria] – que não tinha nenhum rendimento e vivia com todas as dificuldades – cismou de trabalhar, fazendo doces antigos que ela muito sabia de ter aprendido com uma velha tia há muitos anos, ainda menina”³⁹.

Coralina relata, nessa carta escrita à neta Célia Flor, depois convertida em livro, toda a gênese de sua produção de doces: que “doce, para ser bom mesmo, só feito em tacho de cobre”; como não os tinha, “Começou com emprestados”; e a produção foi aumentando, a freguesia foi aparecendo, já que “A velha era paciente, firme e caprichosa” e “Os doces, ótimos”⁴⁰. Com o dinheiro que ia

³⁵ Maria José Somerlate Barbosa, “A via-láctea da palavra: Adélia Prado e Cora Coralina”, 2002, p. 100.

³⁶ Na série para televisão *De lá para cá* (ARARIPE JR., 2009), Coralina diz: “A força da terra, das raízes que me chamavam, era mais forte que [se] sobrepôs a todos esses afetos familiares”, referindo-se ao fato de ter retornado sozinha a Goiás, deixando filhos e netos no estado de São Paulo.

³⁷ Cora Coralina, *Melhores Poemas*, 2017, p. 159-160.

³⁸ Sofia Regina Paiva Ribeiro, “Cora Coralina, mulher-mãe-doceira-poeta, e a relação de gênero e espaço na construção de sentidos e de identidade”, 2018, p. 34.

³⁹ Cora Coralina, *A menina, o cofrinho e a vovó*, 2009, s.p.

⁴⁰ “Doces cristalizados de caju, abóbora, figo e laranja, que encantavam os vizinhos e amigos” (Frazão, s.d., s.p.). “Doces glacerados de mamão, cidra e abóbora”, segundo o episódio 02 da série *Conhecendo Museus* (Mauro, 2014).

ganhando, “Comprou tacho, tachos. Todo tamanho [...]”; depois “achou que devia de comprar geladeira” para conservar os doces por mais tempo. E assim fez, à prestação.

Aí está um bom exemplo do valor mnemônico para Cora Coralina: foi graças à memória que ela trouxe do passado receitas de doces aprendidas na infância, que passaram a prover seu sustento. Trouxe também do passado suas reminiscências, que, de igual modo, se converteram, embora tardiamente, em fonte de renda (e prestígio), por meio de seus escritos.

Coralina considerava-se mais doceira do que escritora, como registrou no poema *Cora Coralina, quem é você?*: “Sou mais doceira e cozinheira/ Do que escritora [...]”⁴¹. Para Roland Barthes, saber e sabor, antes de se repelirem, complementam-se:

[...] a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (*saber* e *sabor* têm, em latim, a mesma etimologia). Curnonski dizia que, na culinária, é preciso que “as coisas tenham o gosto do que são”. Na ordem do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o sal das palavras. É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo⁴².

Coralina tinha “esse gosto das palavras”, e era dele que hauria sua escritura. Já o ofício de doceira a encantava, tanto que também o refere no poema *Aninha e suas pedras*:

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede⁴³.

“Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.” Ao que parece, Coralina tinha uma filosofia de vida muito simples: afastar as dificuldades, trabalhar e, sendo necessário, recomeçar. Ela plantou e vendeu rosas no interior de São Paulo, foi vendedora de livros, doceira e sempre escritora, publicando seu

⁴¹ Cora Coralina, *Melhores Poemas*, 2017, p. 155.

⁴² Roland Barthes, *Aula*, 2009, p. 19-20.

⁴³ Cora Coralina, *Melhores Poemas*, 2017, p. 169.

primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, aos 75 (quase 76) anos.

3. Memória e identidade em textos selecionados de Cora Coralina

Segundo Rebeca Fuks, a poética de Cora Coralina “é baseada numa escrita do cotidiano, das miudezas, e é caracterizada por uma delicadeza e por uma sabedoria de quem passou pela vida e observou cada detalhe do caminho. Em resumo: a lírica de Cora é impregnada da história que a doceira viveu”⁴⁴.

Memória e identidade estão, pois, imbricadas na obra da escritora, sendo disso um ilustrativo exemplo o poema *Minha Cidade*:

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
De tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados
e telhados
e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
verde de avencas
onde se debruça
um antigo jasmineiro,
cheiroso
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada
dessas árvores,
sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,
de que gostam
a gente cansada e os pássaros vadios.
Eu sou o caule

⁴⁴ Rebeca Fuks, *Cora Coralina: 10 poemas essenciais para compreender a autora*, s.d., s.p.

dessas trepadeiras sem classe,
 nascidas na frincha das pedras:
 Bravias.
 Renitentes.
 Indomáveis.
 Cortadas.
 Maltratadas.
 Pisadas.
 E renascendo.
 Eu sou a dureza desses morros,
 revestidos,
 enflorados,
 lascados a machado,
 lanhados, lacerados.
 Queimados pelo fogo.
 Pastados.
 Calcinados
 e renascidos.
 Minha vida,
 meus sentidos,
 minha estética,
 todas as vibrações
 de minha sensibilidade de mulher,
 têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
 da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha⁴⁵.

Trata-se de um poema-homenagem à cidade de Goiás, no qual podemos perceber o eu lírico amalgamando-se aos espaços, tal qual Mário de Andrade, cuja terra era a comoção de sua vida. No poema, há referência à arquitetura da cidade, uma típica cidade colonial, “de ruas estreitas, [...] entrando, saindo uma das outras”. E quem lhe declara amor não é qualquer uma das *Anas* locais, batizadas em homenagem à padroeira: é “aquela menina feia da ponte da Lapa”. É Aninha, que pertence àquele lugar.

A casa da ponte da Lapa foi o lugar onde Cora Coralina nasceu, viveu sua infância e parte da adolescência, existindo até hoje – é nela que funciona o *Museu Casa de Cora Coralina* (na Rua Dom Cândido, n. 20). No poema *Minha Infância*, “a casa” – metonímia que abarcava a mãe, as irmãs, agregados e serviçais – ganha vida em vários versos, sempre personificando algo tirânico, amedrontador: “De dentro a casa comandava”; “De dentro a casa se impacientava”; “E a casa me cortava”; “E a casa alheada [...] repisava”⁴⁶. Apesar disso, foi para essa mesma casa que a poeta voltou, depois de 45 anos afastada de sua terra. Foi ali também que fez seus doces, cujos rendimentos lhe permitiram, anos depois, arrematá-la num leilão, tornando-se sua única proprietária e transformando-lhe a história – de espaço opressor a lar e local de trabalho, sobrevivência e poesia.

⁴⁵ Cora Coralina, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 2014, p. 34-36.

⁴⁶ Cora Coralina, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 2014, p. 168-173.

É intrigante que Coralina se qualifique de “feia”. Por que essa consciência de uma suposta feiura? Juntando as pistas deixadas em seus escritos, é possível deduzir que ela, na infância, ao ser comparada com as irmãs, era considerada a menos graciosa. Em *Cora Coralina, quem é você?*, a poeta conta:

[...]
Venho do século passado.
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia
caída e a república
que se instalava.

Todo o ranço do passado era presente.
A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carrancismo.
Os castigos corporais.
Nas casas. Nas escolas.
Nos quartéis e nas roças.
A criança não tinha vez,
Os adultos eram sádicos
aplicavam castigos humilhantes.
[...]⁴⁷.

Estão aí elencados muitos dos males de seu tempo (que, lamentavelmente, persistem no mundo em pleno século XXI): a ignorância, o carrancismo, os maus-tratos infligidos às crianças – “A criança não tinha vez”, diz ela. Em *Minha Infância*, Coralina afirma textualmente que “era triste, nervosa e feia”⁴⁸, “Feia, medrosa e triste”⁴⁹. Acresce que, entre as quatro filhas de sua mãe, ocupou “sempre o pior lugar”⁵⁰. Tinha, pois, por ouvi-lo repetidamente, consciência de não possuir beleza, razão pela qual se reconhece “aquela menina feia da ponte da Lapa”.

Ainda em *Minha Cidade*, prossegue Coralina dizendo que *vive* nas igrejas, sobrados, telhados e paredes de Goiás. A escritora assume fazer parte da arquitetura da cidade: ela e a cidade são uma coisa só, numa fusão identitária que lhe é acentuadamente característica. Essa fusão identitária com a cidade prossegue nas estrofes seguintes: Coralina é um velho muro verde de avencas, casas encostadas umas nas outras, a ramada de árvores, o caule das trepadeiras, a dureza dos morros – ela é a geografia da sua cidade. A geografia de Goiás a *constitui*, faz dela quem ela é, conforme os decisivos versos:

Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações

⁴⁷ Cora Coralina, *Melhores Poemas*, 2017, p. 154-155.

⁴⁸ Cora Coralina, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 2014, p. 168.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 172.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 168.

de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes⁵¹.

Memória e identidade, elementos recorrentes na obra da poeta goiana, fundem-se nessa passagem de *Minha Cidade*, sugerindo que, apesar dos sofrimentos e castigos de outrora, a cidade corria em suas veias, e suas histórias eram importantes elementos da vida pessoal e profissional da escritora.

Como assevera Tércia Costa Valverde, “A memória afetiva reconstrói sensações e traz a lembrança de um fato, além de oferecer significação à vida de quem a pratica”⁵². Recordar, portanto, mais do que evocar fatos passados, é ressignificar a própria vida: “a memória e o esquecimento alicerçam e sustentam a identidade dos seres humanos”⁵³. A escrita de si não deixa de ser uma forma de autoconhecimento e “O conhecimento de si também é uma maneira de o sujeito constituir-se, inserir-se em determinadas formações discursivas e identitárias”⁵⁴. A escrita de si permitiu a Cora Coralina revisitar o passado, refletir sobre as próprias experiências e formar-se como sujeito – mesmo quando escudada pelo eu-lírico, algo da vida pessoal resvala para o texto.

Outro ponto a destacar são os versos “E renascendo” e “e renascidos”: assim como as trepadeiras e os morros da cidade, Coralina teimava em sobreviver, em reinventar-se, em não se deixar abater. Rememorando, a poeta reflete sobre si e sobre o mundo e se *reconstrói*, como era tanto de seu agrado. A perseverança e o otimismo são também temas constantes em sua escritura.

O binômio memória-identidade encontra-se presente, ainda, no poema *Todas as Vidas*, no qual Coralina, ao mesmo tempo em que rememora tipos humanos femininos de sua cidade, afirma que eles a *compõem*:

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acorada ao pé do borralho,
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai de santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso

⁵¹ Cora Coralina, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 2014, p. 36.

⁵² Tércia Costa Valverde, *Ensaio: teoria e crítica literária*, 2014, p. 80.

⁵³ *Ibidem*, p. 111.

⁵⁴ Lucas Martins Gama Khalil e Cleudemar Alves Fernandes, “A construção identitária em Cora Coralina: relações entre o sujeito e ‘as coisas de sua terra’”, 2011, p. 6.

d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute benfeito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
- Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras⁵⁵.

Nesse poema, a escritora homenageia as mulheres comuns, aquelas sem grandes feitos ou atrativos, que seguem sua lida quotidiana, não raro sem sequer serem notadas: as “obscuras” e sua “vida mera”. *Vivem* em Cora Coralina, *constituem-na*, “a cabocla velha de mau olhado”, benzedeira filiada a alguma religião de matriz africana; “a lavadeira do Rio Vermelho”, cujo trabalho podia ser conferido da janela da casa da poeta, já que o Rio Vermelho corria próximo à casa velha da ponte; “a mulher cozinheira”, como ela própria, a fazer seus doces

⁵⁵ Cora Coralina, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 2014, p. 31-33.

glacerados; “a mulher do povo”, proletária e linguaruda; “a mulher roceira”, analfabeta, trabalhadeira, boa parideira; “a mulher da vida”, homenageada por Coralina nos poemas *Mulher da Vida* e *Becos de Goiás*, ambos de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*⁵⁶.

Como antes exposto, não nos parece que Cora Coralina tenha tido profundas crises identitárias, mas é certo que ela refletiu sobre a subalternidade do gênero feminino, razão pela qual enalteceu a mulher, e não apenas aquela tida como “virtuosa”, mas a mulher do povo, pobre, iletrada, não católica, mãe solteira, prostituída, malfalada. Em seus escritos, percebe-se uma postura de defesa e valorização dos oprimidos e excluídos – a criança, a prostituta, o menor abandonado, o preso –, e não restam dúvidas de que as mulheres eram severamente oprimidas na sociedade patriarcal em que ela viveu.

Para finalizar, vejamos *Ofertas de Aninha (Aos moços)*, mais um poema de Cora Coralina em que memória e identidade se fundem, desta vez como uma espécie de balanço da própria vida e legado aos que vierem depois (os “moços”):

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.

Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.

Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências do presente.

Apreendi que mais vale lutar
do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar⁵⁷.

Conforme Fuks argumenta,

O poema acima se constrói com base na **afirmação de uma identidade**:
ao longo dos versos vemos o eu-lírico destacar aquilo que se tornou. O

⁵⁶ Cora Coralina, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 2014, p. 201-204.

⁵⁷ Cora Coralina, *Melhores Poemas*, 2017, p. 92.

poema contempla ao mesmo tempo três tempos: o passado, onde adquiriu as experiências, o presente, onde declara com orgulho ser aquilo que é, e o futuro, onde está aquilo que deseja se tornar (grifo da autora)⁵⁸.

Vê-se, em *Ofertas de Aninha (Aos moços)*, uma reflexão sobre a vida, um credo particular que se aproxima do tom de uma oração, em que as experiências do passado moldam a identidade do eu-lírico – e por que não dizer “da poeta”. Trata-se de alguém que ama viver, não desiste da luta e recomeça na derrota: como visto nos versos de *Aninha e suas pedras* e *Minha Cidade*, a disposição para recomeçar está presente na poética de Cora Coralina, como também salienta Fuks: “A autora sublinha em *Ofertas de Aninha (Aos moços)* – e de modo geral ao longo de toda a sua poética – a necessidade de ser resiliente, de perseverar, de tentar outra vez”⁵⁹.

O eu-lírico assume uma postura otimista em relação aos rumos da humanidade, afirmando acreditar na solidariedade humana, na fraternidade universal. Sobretudo, crê nos moços, na ciência e “na descoberta de uma profilaxia futura dos erros e violências do presente”. Soa-nos claramente como a visão de mundo da própria poeta.

Cora Coralina faleceu em 1985. Legou-nos vasta obra em que nos incita a pensar sobre solidariedade, empatia, generosidade, simplicidade, dentre outros tantos valores, podendo sua escrita servir como essa “profilaxia” que a ciência ainda não produziu para prevenir os “erros e violências do presente”.

Como escreveu Carlos Drummond de Andrade a respeito da poesia de Coralina, “seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina”⁶⁰.

O Brasil, ainda tão arraigadamente patriarcal, precisa conhecer a força da poesia dessa mulher interiorana, “de outro tempo”, mas de ideias e ações tão alinhadas com a contemporaneidade.

⁵⁸ Rebeca Fuks, *Cora Coralina: 10 poemas essenciais para compreender a autora*, s.d., s.p.

⁵⁹ Rebeca Fuks, *Cora Coralina: 10 poemas essenciais para compreender a autora*, s.d., s.p.

⁶⁰ Carlos Drummond de Andrade, “Carlos Drummond de Andrade escreveu a Cora Coralina”, 2014 [1979], s.p.

4. Conclusão

Cora Coralina foi uma escritora em cuja obra estão presentes, de modo acentuado, a *memória* e a *identidade*. Nos poemas aqui referidos, pudemos observar uma profunda ligação da autora com sua terra natal, para onde retornou 45 anos depois de deixá-la – viúva, sem renda, mas disposta a recomeçar após ouvir “o chamado das pedras”. Fazendo doces e poemas, a escritora deixou uma obra impregnada da própria história.

Lembrar o passado presta-se não apenas a preservar memórias, legando-as a quem vem depois, mas também a (re)ordenar as passagens da própria vida, buscando construir uma lógica e linearidade que, a rigor, não parecem encontrar-se nas existências humanas, senão quando estas são observadas em perspectiva.

No caso concreto de Cora Coralina, parece-nos que rememorar o passado funcionou como uma espécie de reconciliação com seu tempo e sua história pregressa – feita ela própria de algumas transgressões –, em especial com a mãe e as irmãs, a quem a autora se referia, metonimicamente, como “a casa”, uma entidade grande, assustadora e punitiva.

Arrematar a casa da infância e tê-la para si pode ter sido o primeiro passo desse processo de reconciliação com o passado, pois a *menina* assustada de outros tempos tornou-se a *velha* que fazia doces e os vendia para se sustentar. A casa, antes amarga, era agora doce e foi até o fim o pouso da poeta que se mimetizava de tal modo na própria cidade que voltou a ela “vestida de cabelos brancos” para nunca mais deixá-la.

Saibamos provar do tacho dessa artista goiana, esse “coração vermelho” que bateu forte por sua terra e, assim, permitiu-nos conhecer as alegrias e aflições de ser mulher, em outro tempo, no coração do Brasil.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Carlos Drummond de Andrade escreveu a Cora Coralina. Rio de Janeiro: 14 jul. 1979. In: CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2014.
- ARARIPE JR., José. *Cora Coralina (1/2) - De Lá Pra Cá*. 21 set. 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oQj6wB_HGK4. Acesso em 29 set. 2020.
- ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. [Publicado originalmente em O Novo Mundo, 24/03/1873.] Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/109-noticia-da-atual-literatura-brasileira-instinto-de-nacionalidade>. Acesso em 14 jan. 2026.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. A via-láctea da palavra: Adélia Prado e Cora Coralina. In: DUARTE, Constância Lima et al. (Organização). *Gênero e representação na Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras Estudos Literários: UFMG, 2002, p. 99-109.
- BARREIRA, Ely da Paixão Casemiro. A escrita do eu em Cora Coralina. In: *Revista Porto das Letras*. Porto Nacional, vol. 04, n. 02, p. 90-100, 2018.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora UNESP, 2016.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2014.
- CORALINA, Cora. *A menina, o cofrinho e a vovó*. São Paulo: Gaudí Editorial, 2009.
- CORALINA, Cora. *Melhores Poemas*. São Paulo: Global, 2017.

DENÓFRIO, Darcy França. Cora dos Goias. In: CORALINA, Cora. *Melhores Poemas*. São Paulo: Global, 2017.

FRAZÃO, Dilva. *Biografia de Cora Coralina*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/cora_coralina/. Acesso em 24 set. 2020.

FUKS, Rebeca. *Cora Coralina: 10 poemas essenciais para compreender a autora*. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/cora-coralina-poemas-essenciais/>. Acesso em 28 set. 2020.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOMES, Renato Cordeiro. Retratos urbanos e identidade nacional brasileira: mediações literárias. In: REIS, Elisa P. e ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Retratos do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 125-141.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KHALIL, Lucas Martins Gama e FERNANDES, Cleudemar Alves. A construção identitária em Cora Coralina: relações entre o sujeito e “as coisas de sua terra”. In: *Horizonte Científico*, vol. 5, n. 2, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4467/7975>. Acesso em 28 set. 2020.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MAURO, Amauri. *Conhecendo Museus*. Episódio 02: Museu Casa de Cora Coralina. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xkqA_TIPqm4. Acesso em: 28 set. 2020.

OLIVEIRA, Márcia Batista de. *Cora Coralina: cartografias da memória*. Londrina/PR: 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp025085.pdf>. Acesso em 28 set. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RIBEIRO, Sofia Regina Paiva. Cora Coralina, mulher-mãe-doceira-poeta, e a relação de gênero e espaço na construção de sentidos e de identidade. In *Revista*

Docentes: Diversidade e Ensino, v. 3, n. 7, 2018. Disponível em:
<https://periodicos.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/issue/view/7>. Acesso em 04
mai. 2025.

VALVERDE, Tércia Costa. *Ensaaios: teoria e crítica literária*. Salvador:
EDUNEB; Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.